



Memória, História, Poder: apresentação

Luciana Martinez

“Memória, história e poder”: apresentação, por Luciana Martinez*



Estátua de Cristóvão Colombo derrubada por membros de movimento indígena americano em Minnesota, em 2020 | Foto de [Tony Webster](#)

Nos últimos anos, vimos em vários países do mundo disputas em torno de estátuas e monumentos. Memoriais dedicados a conquistas militares, heróis de guerra, colonialistas e traficantes de escravos estiveram no centro do debate sobre a desconstrução da história e as formas como determinados eventos e grupos nacionais são inscritos no espaço público. Em 2019, por exemplo, [vimos a capital chilena, Santiago, ser tomada por milhares de manifestantes empunhando a bandeira do povo indígena Mapuche](#). Uma [foto](#) em particular ganhou destaque mundo afora: nela, dezenas de manifestantes escalavam uma estátua militar e, no topo, um deles hasteava a bandeira do povo indígena que, desde a invasão dos colonizadores espanhóis, no século XVI, vem sendo massacrado no Chile. Na África do Sul, a campanha [Rhodes Must Fall](#) levou à retirada de uma estátua em homenagem ao imperialista Cecil Rhodes da Universidade de Cape Town e acendeu a discussão sobre outros monumentos em sua memória no país. Em 2020, cenas similares se repetiram na Europa, nos Estados Unidos e na América Latina, quando estátuas do comerciante de escravos Edward Colston, de Cristóvão Colombo, do rei belga Leopoldo I e do missionário jesuíta português Padre António Vieira (para citar alguns dos casos mais famosos) acordaram no fundo de um rio, pintados com tinta vermelha, sem cabeça ou com placas dizendo: “descolonize”. Tais movimentos têm o objetivo de problematizar o que é lembrado na esfera pública e de chamar a atenção para como monumentos como esses estão relacionados à forma com a qual concebemos a história de um país ou a história do colonialismo e da escravidão.

“Nunca houve um monumento da cultura que não fosse também um monumento da barbárie”,¹ escreve Walter Benjamin, em sua sétima tese sobre o conceito de história. Para uns, estátuas como as de Colston, Rhodes e Vieira são símbolos da civilização. Para tantos outros, lembranças de massacres e genocídios, símbolos da barbárie. Monumentos como, por exemplo, o [Padrão dos Descobrimentos](#), até hoje em pé em

Lisboa e erguido como homenagem ao Infante D. Henrique – considerado o grande patrono da expansão colonial portuguesa do século XVI –, representam a memória dos vencedores, fixam a história da forma como o poder a quis contar. É por isso que, se tomamos Benjamin e sua crítica à história como norte, é preciso desconstruir os monumentos erguidos pelas narrativas históricas tradicionais. E são, justamente, a estes processos de desconstrução que temos assistido nos últimos anos em vários lugares do mundo.

O debate sobre monumentos, portanto, deve ser visto dentro do escopo mais amplo da história, da memória e das dinâmicas de poder imbricadas nesses dois fenômenos. Em artigo recente para o jornal francês *Le Libération*, [Paul B. Preciado descreveu estátuas como “próteses da memória histórica que nos lembram as vidas ‘que importam’”](#). Fixam no espaço público os corpos que merecem ser eternizados em pedra e metal. “As esculturas públicas”, diz ele, “não representam o povo, elas o constroem: designam um corpo nacional puro e determinam um ideal de cidadania colonial e sexual”. Criticar a história celebrada nas estátuas é, portanto, criticar a própria construção do estado-nação. Esta série especial analisa, por um lado, eventos e personagens selecionados para serem marcados na paisagem nacional; e, por outro, o potencial da arte para perturbar ideais nacionais e imperiais, atuando muitas vezes como uma espécie de contra-memória.

Próximos textos

Parte I: “Portugal: o retorno da guerra colonial”, por Miguel Cardina

Parte II: “Qual porta para qual cidade? O Parque Memorial Vraca e o legado antifascismo em Sarajevo”, por Renata Summa

Parte III: “O Uruguai indígena: monumentos, histórias e memórias”, por Henrique Gasperin

Parte IV: “O Atlântico Vermelho: modernidade e marcadores de discriminação”, por Victor Coutinho Lage

Parte V: “A costura da memória: história(s) alternativa(s) do passado e do presente”, por Mariana Caldas

*** Luciana Martinez** é Doutoranda do Programa de Pós-Colonialismo e Cidadania Global, do Centro de Estudos Sociais da Universidade de Coimbra, e bolsista da Fundação para a Ciência e a Tecnologia. Mestre em Relações Internacionais pela PUC-Rio e editora especial do blog *Strife*, da King’s College. Nos últimos anos, tem pesquisado sobre memória do colonialismo português em Portugal e no Brasil atuais a partir da análise de objetos culturais. Twitter: @ltmartinez_

* Esta série foi originalmente publicada em inglês, no blog *Strife*, do Departamento de War Studies da King’s College. Ver: <https://www.strifeblog.org/2021/07/05/series-on-memory-history-and-power-introduction/>

¹ Ver: Walter Benjamin, “Sobre o conceito de História” in *Walter Benjamin – Obras Escolhidas: Magia e Técnica, Arte e Política* (São Paulo: Editora Brasiliense, 1994), p. 225.